

# OCCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união gera! dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 576

25 DE DEZEMBRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva



## CHRONICA OCCIDENTAL

Os perús, já ahi cantam por essas ruas, em numerosos rebanhos, nos seus *gluglus* alegres, as festivas estrophes do Natal.

Está á porta a festa do Deus menino, do nascimento do redemptor do mundo, a festa mais alegre, mais patriarchal, mais santa, mais pittoresca que ha em toda a christandade.

D'antes era costume em Portugal, na noite da missa do gallo, fazerem-se em todos os theatros representações de peças allegoricas ou allusivas ás festas que a Igreja celebrava, como era costume pela Quaresma exhibirem-se nos palcos oratorias, entre as quaes houve algumas que tiveram grande voga, como o *Santo Antonio*, de Braz Martins, a *Santa Isabel* do conego Soares Franco e pelo carnaval preparar-se um repertorio especial composto de peças burlescas, de farças carnavalescas, que chamavam nos dias d'entrudo grande concorrência ao theatro e faziam rir a bom rir os nossos avós.

Essa usança que ainda existe lá por fóra, em Hespanha, em França, em Inglaterra, sobre tudo com relação ao Natal e á Semana Santa, perdeu-se completamente entre nós e foi pena porque constituia um espectáculo divertido, original e que trazia ao repertorio theatral, que se dava durante o anno, uma nota variada e pittoresca. E depois havia uma certa ingenuidade simploria nos espectadores d'essas peças, uma certa convicção e boa fé nos actores que as representavam, que tornavam esses espectáculos sympathicos e particularmente divertidos.

E essa usança não se perdeu entre nós ha muito tempo. Sem ser coevo da Sé de Braga assisti ainda no theatro da Rua dos Condes a essas peças obrigadas a Herodes, que se representavam na vespera e no dia de Natal, e que produziam sempre, por mais

mal feitas que fossem, um grande entusiasmo no publico que cada vez que Herodes apanhava para o seu tabaco batia fortemente as palmas com uma gana, que demonstrava claramente que se o verdadeiro Herodes estivesse ali á mão, seria feito em fanaticos n'um abrir e fechar d'olhos.

E mesmo os falsos viam-se ás vezes em camisas d'onze varas.

No theatro da Rua dos Condes, uma noite um dos actores que fazia de Herodes, o fallecido actor Camillo, se bem me lembro, que foi por muitos annos o tyranno odiado dos theatros populares, viu-se grego para sahir do theatro da Rua dos Condes, porque um grupo de espectadores entusiasmados esperaram o á porta com os seus cacetes para dar cabo do canastro do famoso Rei da Judea

Imaginem se em Lisboa acontecia isso já no ultimo quartel do seculo XIX, o que seria na provincia!

Os jornaes francezes contaram ha pouco tempo a proposito do *Othello* de Verdi, um facto passado n'um dos ensaios geraes do *Othello*, em prosa representado annos antes pelo actor Taillad, anedocta que logo depois foi desmentida e que no fim de contas se deu em Portugal ha uns poucos de annos não com o *Othello* mas com uma d'essas peças sacras, allusivas ao nascimento do redemptor.

Conhecia de tradição de bastidores essa historia e por isso fiquei muito admirado quando a encontrei no *Figaro* de Paris, applicada ao chefe machinista Anatole.

Quem m'a contou ha muitos annos, quando eu principiei a frequentar bastidores, foi o velho Marques do Gymnasio, o Marques da *Morte de galo*, que era extraordinario a fazer papeis de gallego, e que morreu ha dois annos se tanto, já retirado do theatro, onde acabou a sua carreira em contra regra e copista de peças, porque a sua avançada idade e as suas doencas já o não deixavam trabalhar em outra coisa.

Uma companhia de actores, sem trabalho, tinha ido na noite de Natal, a Santarem ou a Thomar, isso não sei bem, dar um espectáculo com a peça biblica *Herodes* ou a *degolação dos Innocentes*.

A companhia chegou de manhã, fez de dia um ensaio a correr e á noite, noite de Natal, deu a sua primeira representação com uma enchente enorme.

No segundo acto, o Herodes quando recebia a noticia do menino Jesus, aquelle justamente a quem visava o seu sanguinario decreto da morte de todas as creanças do sexo masculino até dois annos d'idade, ter escapado á sua cholera e á sua astucia, levado por sua mãe para o Egypto, n'uma burrinha, Herodes, diziamos nós, irrompia n'um excesso de furor enorme.

E praguejando contra si, contra o destino, contra o céu, exclamava n'um arranco de desespero.

— E não haver um raio que os desfaça a todos! Um raio! Mandem-me um raio de cima!

E espera um raio n'uma posição academica,



O SOMNO DE JESUS MENINO. Quadro de Annibal Carraccio



braços abertos, punhos cerrados, erguidos para as bambolinas.

— Um raio! Então não vem um raio!

N'isto o contra regra, que era o regedor da terra e que obsequiosamente se prestára a desempenhar as funções de contra regra, entra despenhado pela scena, e diz para Herodes.

— Não tenho cá raios como quer que os mande! Pozesse isso na contra regra, que tal está o da rabeça!

E foi assim que terminou no meio d'uma hilaridade geral a representação do *Herodes* ou a *Degollação dos innocentes*. A noticia d'esta intervenção do contra regra n'uma das situações culminantes da peça chegou por acaso a França, ou por uma coincidência possível, deu-se em Paris tambem factio identico com o *Othello*?

Não sei nem isso faz nada o caso. Que isto que acabo de referir se deu na primeira contou-m'ô ha já 20 e tantos annos o velho Marquez, que foi d'elle testemunha presencial.

E com peças sacras houve muito mais casos curiosos ahí acontecidos pelos nossos theatros.

N'um d'esses theatros representava-se uma oratoria em que entrava Jesus Christo, a Magdalena e Lazaro, se não me engano era o *Evangelho em acção* do actor Brax Martins.

A peça estava agradando, mas a empreza estava sem vintem. Havia artistas que ha mais de dois mezes não viam um real do seu ordenado.

O Lazaro era um d'esses e andava muito azedo, muito resingão palpitando inevitavel caurim, mas muito instado pelos empregarios, engodado todas as noites com a esperanza de receber alguma coisa á conta, coisa que nunca vinha, lá foi representando...

N'uma noite, já desilludido e perdidas todas as esperanças, o Lazaro muito instado lá foi fazer o seu papel.

Quando chegou a scena famosa do milagre, o actor que fazia o papel de Christo, dirige-se para a cova de Lazaro e diz lhe com uma grande uncção religiosa e uma convicção profunda:

— Ergue-te Lazaro e caminha.

O Lazaro não se mecheu.

— Ergue-te Lazaro.

E Lazaro moita.

— Ergue-te Lazaro, ordenou Christo pela terceira vez em voz de stentor. E depois em voz mais baixa mas que foi distinctamente ouvida na platéa acrescentou:

— Levanta-te bruto.

O Lazaro ergue então um bocadinho a cabeça, da sua lugubre morada, e declara terminantemente:

— Eu não me levanto d'aqui sem me pagar as duas moedas que me deve!

Na platéa um reboliço enorme, as gargalhadas estouravam de todos os lados, e o panno cahiu no meio d'uma confusão medonha.

No dia immediato, repetiu se a peça, mas a empreza fez collocar sobre o cartaz este aviso.

«Por motivos particulares o Lazaro não resuscita hoje!»

Mas a moda veio, a implacavel e caprichosa moda que manda em tudo, que em tudo dá leis, e deu cabo de todos esses espectaculos, que tinham a seu favor pelo menos o proposito do assumpto e a graça dos incidentes.

A missa do gallo tambem tem soffrido n'estes ultimos annos grande baixa no seu esplendor d'out'ora.

Depois de ter sido durante muitos e muitos annos uma das festas catholicas mais respeitadas, mais cheia d'uncção, que houve nas nossas egrejas, passou com o andar dos tempos a ser mais um divertimento que uma solemnidade religiosa, mas sob esse ponto de vista profano era uma festa muito concorrida, muito animada, todas as egrejas davam missa de gallo, e todas ellas se enchiam de gente.

Essa animação, essa concorrência passou tambem e hoje só em meia duzia de igrejas ha missa da meia noite, quasi que sem ninguem dar por isso e perdendo grande parte do seu doce encanto, do seu brilhante prestigio a noite de Natal.

Nas confeitarias as broas passaram de moda tambem, foram substituidas pelos bonbons pelos *marrons glacés*, que são com certeza mais saborosos mais elegantes, mas muito menos nacionaes.

De todas as tradições portuguezas antigas das festas do Natal a que ficou ainda de pé — é o peru.

Essa, cada vez está mais em moda, e é ver como de anno para anno augmenta sensivelmente o numero de perus por essas ruas, por essas praças, e como este anno augmentou muito mais ainda chegando a tomar o aspecto d'uma verdadeira praga, mas uma boa praga, vamos lá com Deus,

uma praga que todos desejariam que lhes cahisse em casa.

A mim por exemplo não se me dava d'isso, e se quizerem experimentar, eu moro na travessa do Convento das Bernardas ás Trinas, n.º 14: uma casa ás ordens de v. ex.ª e... dos seus perus.

Gervasio Lobato.



## O SOMNO DE JESUS MENINO



o somno o da innocencia, e tanto mais ditoso em Jesus, o justo, o bom Deus de amor e caridade, que vinha do azul á terra, portador da paz e da fraternidade.

Foi o somno de Jesus o assumpto que inspirou o quadro de Annibal Carraccio.

o descendente de uma familia de Artistas, que floresceu na Italia, no seculo XVI e que deu á arte primorosos cultores que chegaram até ao seculo XVII em Annibal Carraccio o mais distincto dos Carraccios.

O quadro é um encanto e uma lição. Enquanto Jesus dorme, a Virgem veia e não consente que João, tão infante como Jesus, o acorde do doce somno da innocencia, impondo-lhe graciosamente silencio.

São os extremos da mãe do Ceu ensinando ás mães da Terra, quantos cuidados devem ter com seus filhos, velando sempre pelos ternos infantes.



## O AJUSTE DE CONTAS

Do meu bom e intimo amigo  
o Ex.º Sr. Dr. Antonio Lopes dos Santos Valente



PENAS elle exhalou na terra o ultimo suspiro, constituiu-se immediatamente lá nas alturas o austero tribunal que tinha de o julgar.

O Juiz Supremo appareceu em toda a sua imponencia majestosa.

Assentado n'uma nuvem d'ouro, luminosa e diaphana, envolto n'uma aureola refulgente illuminada pelos raios coruscantes de milhões de soes,

o vulto grandioso do Eterno destacava-se, dominando todo o infinito, sereno e implacavel, clemente e terrivel, tendo, ao mesmo tempo, na physionomia a divina expressão da sua bondade e a fria rectidão da sua justiça.

A uns centos de milhões de leguas mais abaixo estava, suspensa no espaço, a alma do desgraçado, tendo ao seu lado esquerdo o vulto asqueroso e repellente de um delegado de Satanás, implacavel e soffrego accusador, e ao lado direito o seu advogado de defesa sorrindo-lhe carinhosamente, cheio de amor e de esperanza, o seu bom e inseparavel amigo, o seu Anjo da Guarda.

Lá muito mais abaixo, tambem a uns milhões de leguas de distancia, nas profundezas do infinito, viam-se erguendo as mãos descarnadas e supplicantes, implorando em vão a misericordia de Deus para os seus infinitos tormentos, as almas condemnadas dos reprobos.

Rugiam de dor, afflictos, sequiosos, allucinados, n'um martyrio atroz, indefinido e eterno.

A alma do desgraçado tremia de medo, triste, convulsa, horrorizada.

Passavam-lhe pela memoria todos os actos da sua vida com uma nitidez e minuciosidade cruel, e não encontrava um unico factio bom que pudesse dar como circumstancia attenuante dos seus grandes crimes.

Fôra sempre um mau, um revoltado, um miseravel. Creado sem familia, crescera como a planta bravia do matto, sem que uma mão carinhosa o afagasse, sem que um beijo de mãe o aquecesse, sem que um olhar de mulher lhe sorrisse e o inspirasse.

Depois, na lucta pela vida, que serie de acções más e deshonestas, que indignidades, que infamias, que crimes!

Casara, e fôra um marido brutal que transformou a santa poesia harmonica do seu lar no verdadeiro inferno de toda a sua vida.

Tivera um filho, uma formosa creancinha loura que elle amara com delirio, mas que um dia lhe morreu nos braços inesperadamente, conservando ainda nos labios aquelle adoravel sorriso que fôra o unico enievo da sua alma.

Foi então que se lembrou de Deus, mas para o insultar infamemente, n'um impeto de colera, erguendo para o céo os punhos cerrados, rugindo e blasphemando contra esse Deus que o tinha alli agora deante de si para o julgar e punir.

Estava irremediavelmente perdido.

Satanás esfregava contente as mãos na alegria triumphante de ter já certa aquella boa alma.

O defensor tinha na face a serenidade crente dos bons e a meiguice ineffavel dos anjos

Então, a um gesto do Eterno, teve a palavra a accusação.

O delegado infernal avançou uns passos, ergueu o seu feroz olhar, e disse:



«Senhor! Esta alma não teve em toda a sua vida na terra um só acto bom que possa agora apresentar como circumstancia atenuante e dirimente dos seus muitos crimes, dos quaes o maior foi o de matar um homem n'uma estrada e roubar-lhe tudo o que elle levava consigo».

Deus fitou no desgraçado o seu olhar terrível e desapiedado; o Diabo cada vez mais contente continuou:

«Nunca vos rezou uma oração, e a unica vez que se lembrou de vós, foi para cobrir o vosso nome de insultos e blasphemias».

O olhar de Deus conservou a mesma expressão implacavel e ameaçadora.

O satânico orador radiante de alegria concluiu:

«Não preciso articular mais do que estes dois crimes, elles já são de sobra para que esta alma de direito me pertença».

Calou-se e recuou os mesmos passos que tinha avançado.

Deus fez outro gesto e teve a palavra o Anjo da Guarda,

Avançou tambem uns passos, e cheio de graça e candura disse:

«Senhores! Esta alma nunca praticou um crime de que possa ser responsavel. Não rezava por não ter encontrado uma alma caridosa que lhe ensinasse uma oração, e coitado, para em tudo ser infeliz na terra, nem ao menos lhe foi dado poder nas suas horas angustiosas voar nas azas de uma prece, e vir aquecer no vosso seio bondoso os gelos da sua ignorancia, do seu desamparo, da sua solidade».

A face de Deus conservava a sua expressão terrível e inexoravel.

O Anjo continuou:

«Senhor! Reuniu-se a uma mulher ignorante e rude como elle, e d'esse enlace nasceu um filho, o anjo mais formoso que tem desido á terra.

«Viviam muito pobres e faltou-lhes o trabalho.

«Um dia, depois de passar em tres sem se alimentarem, a mãe muito fraca já não tinha leite para dar ao filho. A creança então chorou com fome. Era a primeira vez que chorava, e ao ouvir-a o pae fez um movimento de desespero, e partiu allucinado a procurar pão.

«Encontrou n'uma estrada um homem rico, contou-lhe a sua desgraça, e pediu-lhe humildemente trabalho ou uma esmola.

«Era um usurario que não pôde, quando aqui chegou, alcançar a graça do vosso misericordioso perdão. Nunca dera uma esmola e parecia regosijar-se com as miserias alheias.

«Insultou covardemente este desgraçado, e, como elle insistisse, bateu-lhe na face com o chicote.

«Então este infeliz completamente desvairado lançou-se a elle, deitou-o por terra, apertou-lhe a garganta com os seus dedos de ferro e estrangulou-o n'um momento.

«Tirou-lhe o dinheiro, levou-o para casa,

e desde esse dia a fome que fugira espavorida, nunca mais ia entrou.

«Aqui tendes, Senhor, as circumstancias em que foi praticado esse assassinato.»

A face de Deus não mudara com este discurso a sua expressão fulminante, apesar da sublimidade que o Anjo deu ás suas palavras, e disse-lhe: Se não tem mais a allegar em sua defesa, vae ser condemnado.

O Diabo deu dois pulos de alegria, e ergueu soffregos os braços por detrás da alma, para a agarrar logo que a sentença fosse proferida.

O Anjo olhou para Deus com os seus lindos olhos, o seu candido sorriso, e disse cheio de confiança:

«Senhor! Essa adoravel creança, causadora involuntaria d'esse crime, poucos meses durou sobre a terra.

«Era a mais meiga, a mais formosa, a mais boa, a mais alegre das creanças.

«Esta alma rude sentia-se sublimemente enlevada na doce contemplação d'essa divina creatura e purificava-se lentamente ao fogo santo do immenso amor que ella lhe inspirava.

«Ella, porém, adoeceu n'um dia, peorou no outro e ao terceiro estava irremediavelmente perdida.

«O pae, que nunca mais dormira, apertava fortemente ao peito aquelle entezinho tão amado, como se tivesse medo que alguém lh'o viesse tirar.

«De repente a creança ergueu-se como n'uma convulsão. Olhou para o pae com uma expressão indefinida, acariciou-lhe com as suas pequeninas mãos... que mãos!... as faces afogueadas, e extendendo os seus divinos labios imprimiu-lhes um beijo santo, ardente, demorado, onde se traduzia toda a angustia de uma eterna separação.

«Depois cahiu-lhe morta nos braços.

«As lagrimas que este desgraçado pae chorou sobre o cadaver d'essa adorada creança, são as mais sentidas, as mais puras, as mais santas que olhos humanos teem chorado.

«Uma d'ellas tenho eu aqui. Tirei-a ainda incandescente da face gelada do pequenino morto, e guardei-a como a joia mais preciosa do Universo para vol-a offerecer, Senhor.»

N'isto o anjo abriu a sua nivea mão, e mostrou o precioso thesouro.

Depois atirou-a ao ar.

A lagrima subiu rapidamente, subiu muito e por fim parou, ficando suspensa no espaço.

Deus então ergueu-se, sorriu-lhe e abençoou-a.

A lagrima tornou-se logo uma estrella formosissima que encheu de luz todo o ambiente.

O Diabo rugiu, arrepelou-se e precipitou-se desesperado nas profundezas da sua mansão.

Ouviram-se logo musicas celestias dos sublimes coros dos anjos, e a alma, abraçada ao seu Anjo da Guarda, partia vertiginosamente n'uma carreira rapida que durou um momento a bater ás portas do Emyreio.

Quando ellas se abriram, o primeiro anjo que o veiu beijar com a mesma alegria, a mesma meiguice, o mesmo encanto que tivera na terra, foi o seu querido filho.....

Para mim é ponto de fé que as estrellas dos céos são feitas das lagrimas que os paes choram na terra sobre a face gelada dos seus filhinhos mortos, e que esses entes bem amados correm a levá-las a Deus por saberem que é de todas as offertas a que elle mais aprecia.

Novembro 1894.

LIBANIO BAPTISTA FERREIRA.



#### HISTORIA DE JOÃO O SOLDADO



MA tradição oral fez chegar ainda aos primeiros annos da nossa infancia, a seguinte historia, que ouvimos contar a uma velha criada da provincia, com toda a singeleza da sua linguagem, e de que nos vamos recordar, procurando contai-a tal qual a ouvimos.

Quando Deus andava pelo mundo, houve um soldado, chamado João, que serviu o rei oito annos como ordenava a lei, e como não

tivesse outros meios de vida, tornou a servir o rei mais oito annos e depois mais oito ainda, até que se fartou da vida militar e pediu a sua baixa.

Deixou então o regimento ao fim de vinte e quatro annos de servir o rei, e encontrou-se com um pão e seis maravedis, que tanto lhe deram quando sahio do quartel.

Assim se pôz a caminho, dizendo com os seus botões: Está bem sr. João; você serviu o rei vinte e quatro annos para ganhar um pão e seis maravedis. Empregou bem o seu tempo... Ha de ser o que Deus quizer, que eu não eatou para me ralar; e foi caminhando á ventura, deitando o coração á larga.

Tinha andado um bom pedaço de caminho, quando encontrou dois homens que lhe pediram esmola.

Era Nosso Senhor e S. Pedro.

O soldado João muito admirado d'aquelle pedido, respondeu a Nosso Senhor e a S. Pedro: — Que lhe posso eu dar, eu que servi o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, que é tudo que levo comigo?

S. Pedro, porém, não se contentou com a resposta, e o soldado abriu o sacco, tirou o pão e partiu-o em tres quinhões eguaes e deu dois aos pobres viajantes.

Foi andando e ao fim de uma legua de caminho encontrou outra vez os mesmos pobres, que tornaram a pedir-lhe esmola.

João, desconfiado, disse lhes:

— Está me a parecer que já lhes dei esmola, mas na duvida lá vae do que tenho, que eu servi o rei vinte e quatro annos e só ganhei um pão e seis maravedis, e reparti com S. Pedro e Nosso Senhor o pedaço de pão que levava.



Continuou seu caminho e mais adiante umas leguas, tornaram a apparecer-lhe os dois pobres, que lhe pediram de novo esmola.

— Outra vez, irmãosinhos! disse o João. Se não são os mesmos parecem-se bem com os que soccorri além na estrada. Comtudo cá o soldado João não se nega aos preceitos de Deus, e apesar de ter servido o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, vou repartir-lhes do que me resta; e deu a S. Pedro quatro maravedis, ficando com dois para si.

O que lhe ficou era tão pouco que João pensou logo em ir procurar trabalho, para viver.

Então S. Pedro disse ao Senhor:

— Lembraivos do pobre soldado que repartiu connosco tudo o que tinha.

E Nosso Senhor disse a S. Pedro que perguntasse ao soldado o que elle queria.

João pensou por um boccalo no que havia de pedir, e depois apresentando a Nosso Senhor o sacco, que levava, disse:

— Peço para que este sacco tenha o condão de entrar para dentro d'elle o que eu quizer.

E Nosso Senhor concedeu o que João pediu.

Ainda o soldado não tinha andado muito, quando ao entrar n'uma rua da cidade, viu, no mostrador de uma casa de pasto um bello paio e um pão alvo de apeteecer.

João, saltaram-lhe os olhos para o paio e mais para o pão alvo e logo se lembrou do condão do seu sacco.

— Salta para dentro do sacco, disse, e logo o paio e o paio se levantaram d'onde estavam e vieram aos saltos para dentro do sacco do soldado.

Debalde o dono da loja correu atraz do soldado, que n'um instante devorou o paio e o pão, com a fome atrazada que levava.

Era quasi noite e o soldado estava cansado de andar todo o dia.

Foi á procura de pousada, mas só lhe offereceram para ficar em uma casa que estava deshabitada ha muito tempo, e que ninguem queria ir para lá porque apparecia de noite uma alma do outro mundo.

Dizia-se que era a alma do dono que tinha lá morrido, um grande avarento que morrera a uma sexta-feira. O soldado João gostou d'aquella historia de almas do outro mundo.

— Sou um soldado que servi o rei vinte e quatro annos, por um pão e seis maravedis, e não tenho medo de nada. Vou para a casa e sempre quero ver essa alma do outro mundo.

E foi pernoitar na casa, muito contente com o que lá achou. Uma adega recheiada de bom vinho e presuntos ainda pendurados ao fumeiro.

— Que mais quero eu dizia o João; eu que servi o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, tenho agora aqui, ás minhas ordens uma adega de vinho e uns bellos presuntos para a ceia.

E tratou de se assentar á meza da cozinha, depois de ter accendido uma vella e de ir á adega buscar um grande cangirão de vinho, para remolhar no estomago as boas fatias de presunto que se pôz a cortar á vontade.

Não tinha passado muito tempo que o soldado estava saboreando a bella ceia e repetindo as goladas do bom vinho, quando ouviu uma voz pavorosa gritar do alto da chaminé:

— Caio?

— Pois cae, gritou-lhe de cá o João valorosamente, com o cangirão quasi esgotado. Um soldado como eu que serviu o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis não se arreceia de nada.

Mal tinha acabado de proferir estas palavras viu cahir pela chaminé uma perna de homem.

— Olá! quer que a enterre, perguntou zombateiramente á perna, o bom João.

E a perna levantando o pé indicou com um dedo d'este que não.

— Caio, continuou a mesma voz.

— Pódes cahir quantas vezes quizeres, repetiu o soldado. Aqui não ha medo, e foi tomando mais uma golada com que esvasiou o cangirão.

E logo viu cahir outra perna, e depois um tronco com dois braços e por fim uma cabeça que completou o corpo, o qual de pé caminhando para elle lhe disse com a mesma voz pavorosa.

— És um valente; bem o reconheço.

— Como não ha-de ser valente um soldado que serviu o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, voltou o João muito senhor de si e do vinho que tinha lá dentro.

— Se és pobre, poderás ficar rico se fizeres o que eu te disser.

— Prompto meu commandante; estou aqui para tudo que quizer.

— Parece-me que estás embriagado.

— Não estou. Um soldado que serve o rei vinte

e quatro annos por um pão e seis maravedis, não se embriaga com qualquer cangirão de vinho.

— Está bem. Anda comigo. E a alma do outro mundo, seguida do soldado, encaminhou-se para uma casa subterranea, que havia por baixo da cozinha, levantou uma grande pedra que tapava uma cova e mostrou a João tres grandes panelas cheias de dinheiro até á bocca.

— Vês todo este dinheiro, disse a alma do outro mundo, encarando o soldado com os seus olhos que pareciam duas brazas de lume.

— Vejo sim.

— Pois parte d'este dinheiro será para ti se cumprires as minhas ordens.

— Vamos a isso, respondeu resolutamente o soldado.

— Então reparte este dinheiro em tres quinhões. Um é para dar de esmolas a pobres; outro é para mandares dizer missas por minha alma; e o terceiro, quinhão é para ti, se cumprires á risca a minha vontade.

— Está dito, confirmou o soldado. Eu que servi o rei vinte e quatro annos, por um pão e seis maravedis, melhor ainda posso cumprir as tuas ordens, com tão boa paga.

E o João foi logo tratar de dar as esmolas aos pobres, e de mandar dizer as missas.

Com o dinheiro que restou, e que era muito, comprou uma boa casa com sua quinta, e n'ella se instalou regaladamente, sem cuidados, comendo e bebendo á tripa forra.

O Diabo, porém, jurou vingar-se do soldado João, por elle lhe ter tirado a alma do avarento, que afinal se salvou com as esmolas e as missas.

Mandou logo ter com o João, um diabinho dos mais espertos que tinha no Inferno, e ao qual prometteu mundos e fundos, se lhe trouxesse para ali o soldado.

Estava o João sentado á sombra de uma arvore, na sua quinta, muito descuidado, ouvindo o chilrear dos passarinhos que saltavam de ramo em ramo, de umas arvores para as outras, quando lhe appareceu um homemsinho muito comprimentadeiro e mesureiro que assim se lhe dirigiu.

— Como passou o sr. João.

— Ainda agora me vês e já me sabes o nome, respondeu o soldado meio desconfiado com aquelle homemsinho muito feio.

— Tens má cara para santo, continuou o soldado, mas se queres uma pinga anda cá beber.

O diabinho muito esperto respondeu que não queria beber, e convidou o João a que o acompanhasse.

— Mas para onde me queres tu levar. Olha que eu servi o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, e não tenho medo de ti, minha mosquinha morta, que estás para ali a fazeres medidas com essa carinha feia.

O diabinho saracoteou se muito contente, e o soldado continuou.

— Se é para o inferno que me queres levar, deixa que vá fazer provisões para a viagem.

Olha sobe a essa figueira que tem bons fructos, enquanto eu vou buscar o que preciso.

E o diabinho cada vez mais contente saltou para a figueira a saborear os lampados, que desafiavam a sua gulodice.

Quando o soldado voltou trazia o sacco e logo disse, dirigindo se ao diabinho, que ainda estava empoleirado na figueira.

— Anda d'ahi para dentro d'este sacco.

O diabinho rabiou primeiro que entrasse para o sacco, promettendo grandes riquezas e honrarias ao soldado, se o deixasse ir embora, mas nada lhe valeu, e arrependendo-se e espurnando, lá foi para dentro do sacco do soldado.

Assim que o João apanhou o diabinho dentro do sacco, principiou á malhar n'elle á vontade com um grosso cajado que moeu os ossos ao diabinho e o deixou como uma lombriga tão delgada que poude fugir escarmentado por um boraquinho do sacco, e se foi para o inferno espavorido.

O Diabo esperava-o indignado pelo mal succedido da empreza, e vociferou infernalmente contra o diabinho, por se ter deixado apanhar como um pato, pelo atrevido soldado, que assim zombava do seu poder.

— Quem vae agora busca-o sou eu, disse, muito soberbo o Diabo para o diabinho, que estava todo encolhido a um canto do inferno, muito dorido e guinchando que mettia do vel o.

Estava o João á meza da ceia, muito satisfeito quando bateram á porta uma grande argolada que pareceu estremecer toda a casa.

— Hade ser o Diabo, disse o soldado. Já cá o esperava depois do calote que preguei ao seu camarada.

E assim era.

O Diabo entrou com grande rompante. Os olhos faiscavam raios de lume, e quando fallou parecia que se abria a bocca de um volcão, vomitando lavas de fogo e de fumo, com o cheiro de phosphoros quando se accendem.

— Vaes pagar tudo que fizeste ao meu enviado, rugio o Diabo medonhamente.

— Se vens para cá com essas fanfarronadas, vaes pelo mesmo caminho do teu Diabinho, voltou-lhe o soldado, pondo a geito o sacco terrivel de que se tinha prevenido.

— Isso é que havemos de ver, miseravel soldado. D'esta vez levo-te para as profundezas do meu reino, como o mais refinado patife cá d'este mundo.

— Oha eu não tenho medo, meu grande Diabo. Servi o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, e estou á prova de tudo.

O Diabo cada vez mais encolerizado e rancoroso ia a deitar as suas aduncas garras ao soldado, quando este dando um pulo para traz, abriu o sacco em frente do Diabo, e bradou:

— Já para dentro do sacco.

Ouviu se um rugido medonho que o Diabo saltou dentro do sacco e debatendo-se furiosamente dava pulos até ao tecto, em quanto o soldado armado de um valente pau dava pauladas sem conta no Diabo até o deixar por morto, feito n'um feixe dentro do sacco, e a pedir humildemente por todos os Diabos que o deixasse ir para o Inferno.

— Ah! já pedes misericordia, pois vae para o Inferno, e o João abriu a bocca ao sacco, d'onde sahiu o Diabo todo dezazado e derrencado, de cauda escorrida, mal se podendo arrastar.

— Quando o Diabo chegou ao Inferno ia em tal estado que os diabinhos ficaram aterrados e todos se uniram cheios de medo á espera das ordens do Diabo.

Elle então ordenou que forjassem grossas trancas de ferro e fabricassem grandes ferrolhos para trancar as portas do Inferno, com medo que o soldado João lá entrasse.

Não teve, porém, o Diabo esse incommodo, porque quando o soldado João sentiu a morte, preparou-se convenientemente com o seu sacco e deixou se morrer, pondo-se logo a caminho do Céu.

Chegado á porta do Paraizo bateu, e S. Pedro perguntou de dentro:

— Quem é?

— Sou eu; João, o soldado que serviu o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis.

— Só com esse merecimento, não pódes cá entrar por ora, respondeu S. Pedro entreabrindo o postigo da porta para se afirmar no soldado.

— Tinha que ver isso sr. porteiro, se um soldado que serviu o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis, não podia entrar no Céu.

S. Pedro teimou e o soldado, João, sem attender ao respeito que devia ás barbas brancas de S. Pedro e á sua veneranda calva, ameaçou de o metter dentro do sacco.

— Olha que foi por meu pedido que o Senhor te deu esse sacco, e tu não te deves servir d'elle contra mim.

— Para as occasiões é que elle serve, retorquiu o soldado, e agora é uma d'estas. Ou me deixas entrar, ou vaes para dentro do sacco.

E como S. Pedro ia a fechar o postigo, sem lhe dar tempo a mais discussões, o soldado bradou tambem sem mais demora:

— Para dentro do sacco.

S. Pedro achou-se n'um momento preso dentro do sacco e o soldado João dentro do Céu.

— Tira-me d'aquí clamava S. Pedro. Olha que entra toda a gente.

A assim entrou no Céu o soldado João que serviu o rei vinte e quatro annos por um pão e seis maravedis.

Caetano Alberto.





## O SUICIDIO D'UMA MOSCA

## I

RA uma vez uma mosca.

Uma mosca alegre, jovial, folgasa, cheia de saúde, d'alegria e de mocidade!

Sua mãe, uma honrada mosquinha, muito querida de todas as moscas, que com ella tinham lidado de perto, morrêra, muito nova ainda, dando-a á luz n'uma

parede caiada de fresco: seu pae, um respeitavel moscão, já coberto de cans, acabára ingloriamente os seus dias, asphixiado na teia perfida, d'uma aranha traçoceira.

Sem pae, sem mãe, a juvenil mosquinha fôra criada, ella e suas duas irmãs mais velhas, por uma tia idosa, que as educára com todo o disvello e carinhos!

Essa tia e essas duas manas eram toda a sua familia, affeição-se sinceramente a ellas não via mais ninguem n'este mundo!

Era uma mosca toda coração!

## II

Um dia fatal, uma terça feira 13, a mosca foi com as suas duas manas e a sua tia passar o dia a casa d'uns visinhos onde se festejava, com um grandioso banquete, os annos do dono da casa.

As quatro moscas divertiram-se immenso todo o dia.

O jantar correu perfeitamente, mas á sobremesa veiu um grande prato de leite creme queimado.

A mosca tia luziu-lhe o olho, áquelle doce seu favorito.

— Não vá lá tia, que aquillo pega muito, aconselhou prudentemente a mosca juvenil.

As duas manas reforçaram o conselho da mais nova.

Mas a tia não vez caso.

E com a auctoridade que lhe davam já os seus cabellos brancos, limitou-se a responder-lhes desdenhosamente:

— Tolas!

E voou para a travessa do leite creme.

Foi n'um abrir e fechar d'olhos.

Ella a pousar no leite creme, e a ficar presa para todo o sempre no assucar queimado, onde encontrou cruel agonia e rapida morte...

E desoladas a juvenil mosca e as suas duas manas, retiraram-se do banquete chorando lagrimas de sangue!

## III

Quando chegaram ao lar confrangiu-se-lhes o coração, lar deserto, lar sem tia!

A commoção moral foi tão violenta que as tres irmans adoeceram.

E adoeceram gravemente.

Passaram dias e dias, noites e noites, dias sem esperança, noites sem arrebol encarrapitadas n'um presunto de Lamego, sem tujir nem mugir, chorando silenciosamente a sua grande dôr, no silencio solemne das dores grandes.

Deccorrido o tempo do lucto pesado, as tres moscas desoladas começaram a dar os seus passeios, de preferencia para o Campo, para ver se nos bons ares sadios conseguiram retemperar o seu physico tão profundamente abalado pela dôr sentida.

— Nunca mais crême queimado! protestaram ellas cheias de convicção e de temor. Nada; cousas solidas, alimentos sadios, nada de accepipes.

Deixemo-n'os de doces. Caldos de sustancia, beefs, gallinha.

E dizendo, e protestando encontraram-se á porta d'um lavrador, que almoçava o seu tacho d'assorda d'alho.

— Anda, disse uma das moscas, e avançou para o alho.

Mas o cheiro estonteou-a, o azeite afogou-a, e o lavrador enguliu-a n'uma colherada fatal!

E dilaceradas, com a alma feita em farrapos, as pobres manas sobreviventes, exclamaram com lagrimas na voz:

Eramos trez irmans  
Ahi por essas ruas.  
Deu o transglomango n'uma  
Não ficámos senão duas!

## IV

Que sorte tormentosa, que dias de provação, estavam reservados ás duas pobres manas!

Quando sahiam á rua uma com a outra, porque d'ahi em deante passaram a ser inseparaveis, os mosquitos, diziam-lhe chufas, punhão-lhes alcunhas, faziam lhes assuada!

Em ellas apparecendo, as duas manas, era uma verdadeira toirada! A policia tinha sempre que intervir, os jornaes fallavam n'ellas, com troça, crivavam-nas de piadas.

A mais nova, a nossa juvenil mosca, que era mais corajosa, queria reagir não fazer caso: mas a outra succumbia á montaria, deixava-se morrer a olhos vistos.

Ertão a nossa mosca teve uma idéa: salvar a irmã.

Levou-a a uma botica para a medicar.

Ouvira muitas vezes dizer que o ferro era remedio milagroso para restabelecer organismos enfraquecidos.

Sobre o balcão estava um frasco de pilulas de Blancard.

Disse á irmã que avançasse para as pilulas. A irmã avançou, mas ao mesmo tempo o pharmaceutico avançava com um martilhinho de ferro para fechar um caixote cheio de frascos, e antes da mosca poisar no frasco, poisou na mosca o martello.

O boticario não lhe deu ferro, mas deu-lhe martello, e a pobre mosca ficou espalmada sobre o caixote enquanto que a outra sua irmã, que de tão boa fé a levava á morte, fugia como louca, d'aquelle spectaculo horrifico!

## V

Só no mundo a nossa mosca principiou a ser dominada por uma idéa unica, terrivel, que se apossou d'ella toda — o suicidio!

Apellou para a morte, cheia de coragem e começou a fazer tudo o que as suas irmãs e que a sua tia tinham feito, na esperança de encontrar a tão ambicionada morte!

E qual historia! Não havia martello, nem assorda, nem leite creme, que quizesse nada com ella!

Por fim, farta de procurar em vão a morte indagou, inquiriu, perguntou a toda a gente se não haveria qualquer coisa que a matasse d'uma vez para sempre.

— O papel mata-moscas! disseram-lhe todos.

A pobre mosca leu o prospecto.

— Exacto! exclamou ella cheia d'alegria, é isto mesmo que me convem.

E apenas encontrou um papel mata moscas, avançou para elle resolutamente, e pousando sobre o terrivel preparo, fechou os olhos e disse adeus ao mundo.

D'ali a pedaço abriu os olhos. Estava viva e sã, de perfeita saude completamente restabelecida de todos os seus incommodos!

G. L.



## HEROES PRECOCES



OAM já perto os clarins! O inimigo está ás portas da aldeia! Não vêdes aquelle vulto curioso de mulher que se abeira do lagar? E' uma espia. Vem dar fé dos meios de defeza, do numero de homens que se armam, das barricadas que se levantam. É uma vivandeira, vinda do campo ini-

migo, disfarçada em aldeã dos suburbios.

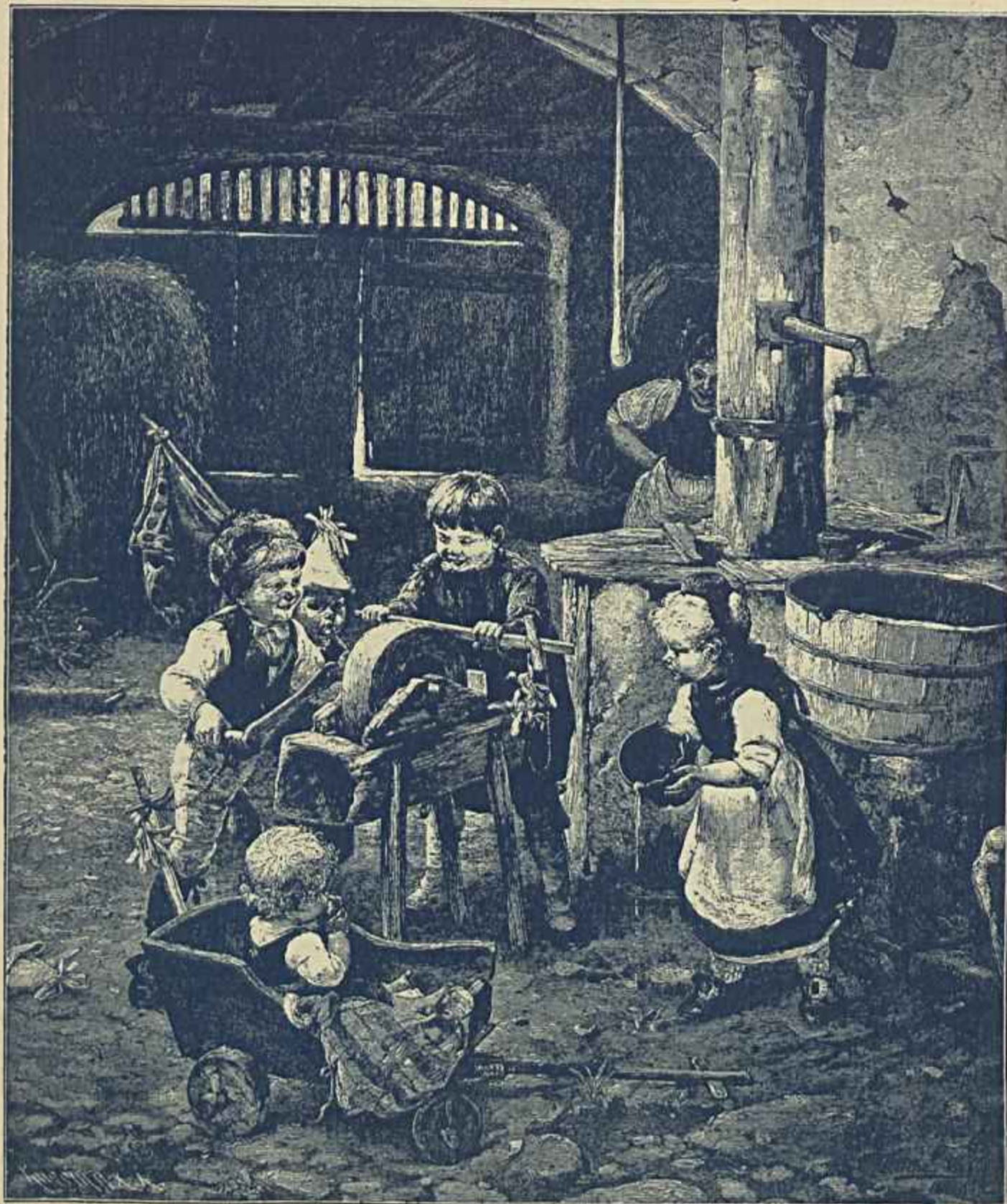
Chega á herdade, detem-se á espreita, observa, espanta-se e sorri. Que inimigo! Quatro crianças e duas espadas de pau! Uma cingê a cintura de um d'elles. O outro afia a sua no rebolo do lavrador. Que irrisão! E por tão pouco e para tão poucos e tão pequenos avançam regimentos, trotam esquadrões e as peças occupam as collinas vizinhas para varejarem o povoado com o seu fogo.

E' certo: os habitantes fugiram, os homens. Aquellas crianças ficaram. Deixaram que a mãe se fosse e volveram ao lar ameaçado. Tinham ouvido fallar na morte, na morte pela patria, e ninguem morria. Haviam visto relampejar espadas e relusir carabinas, e nem um golpe, nem um tiro. Haviam escutado a alvorada dos clarins chamando os homens ao combate, e agora tudo era mudo e em fuga.

Um «salve-se quem puder», em que nem a honra ficara!

Mas haviam ficado elles, aquellas crianças, por instinto do coração e calor do sangue, incon-





HEROES PRECOCES



scientes do perigo e crendo-se grandes e fortes.

Sim! Grandes! Engrandece-os um sublime amor do sacrificio, que mal comprehendem, mas que julgam imminente e que affrontam.

Sim! Fortes! Mas fortes pela sua fraqueza; que pela força não ha fortaleza que espante e que se admire.

Alguem lhes dissera, fugindo: — fiquem e morram!

Haviam-lhes distribuido espadas... de pau; e as pontas não furavam e as laminas não mordiam. Pois que mordam e furem, como as espadas que afiava o rebôlo do alfageme de Santarem.

Que este outro rebolo era milagroso, disseram-lhes: que convertia o pau em ferro a quem se propunha morrer pela patria.

## AS FERIAS DE MIMI



CHAMAVAM-LHE Mimi desde pequenina e assim lhe continuam chamando apesar d'ella estar quasi uma senhora, de ter feito muitos exames, porque tem sido uma excellente estudante, e de ter uma certa superioridade sobre as suas condiscipulas, companheiras de collegio e de brincadeiras, todas mui-

E como ella se alvoroçava quando se aproximavam as ferias da Paschoa, as ferias grandes que se seguem aos exames ou as do Natal, que a Mimi vinha passar em casa com a familia, e receber as mil caricias de sua mãe e de seu pae, as adorações de toda a familia, onde se contava o velho caseiro da quinta, em que seus paes viviam, n'um antigo solar, que recordava a vida patriarchal dos seus primeiros possuidores.

Ella contava os dias que faltavam, com verdadeira usura; um por um, cada hora, cada minuto, fazendo calculos, com que exercitava a memoria nas operações da arithmetica, e quando chegava a hora da partida, a hora de trocar o collegio pela casa paterna, com que affectos ella se despedia, por alguns dias, dos seus professores amigos, e



## AS FERIAS DE MIMI

E o rebôlo gira e as crianças acercam-se-lhe: uma trabalha, a outra espera a sua vez. Que entusiasmo! Que fogo nos olhos, que fé, que esperança... e que desillusão!

O vulto que espreita avança lentamente, pé ante pé. Estruge uma gargalhada. É a mãe, que os toma nos braços, que os cobre de beijos! Aquella porta abre-se, aquella estancia, ora deserta, enche-se de gente; trovejam palmas e bravos!

Valentes! Sangue, que não mente, dos heroes d'Aljubarrota, ou de Montes Claros. Era uma brigada em exercicio que se approximava. Disseram-lhes: é o hespanhol que avança á conquista do vosso lar, da vossa aldeia, da vossa patria.

E fôra o que bastara para que de entre as faxas infantis surgisse nos seus instinctos, nos arrancos ainda inconscientes do coração, o homem do passado, a esperança do porvir.

to suas amigas, a quem ella ajudava nos estudos, explicando as lições ás mais novas do que ella ou ás menos intelligentes, e procurando sempre desculpal as das suas travessuras, nas aulas ou no recreio, com o seu bondoso coração, que a todos captivava e a fazia querida dos professores, adorada de seus paes e estimada dos servos.

Intelligente e discreta, Mimi tinha toda a alegria da sua mocidade, toda a candura dos seus 12 annos. Despretenciosa, affavel para todos, ainda os de mais humilde condição, muito compadecida dos pobresinhos, com quem repartia os poucos haveres do seu bolsinho, ficando muito satisfeita, embora para assim proceder, se privasse de mil futilidades com que se comprazem os espiritos juvenis e até mesmo alguns hem adolescentes.

Uma boa menina esta Mimi.

com que alegria ella antegozava os mimos, as surpresas que a esperavam em sua casa.

As ferias do Natal, sobretudo, é que ella mais apreciava, pelos muitos presentes com que era brindada.

A mãe preparava-lhe vestidos muito bonitos, a caminha muito bem composta com seus lençoes de fino linho e folhos rendados, onde assentavam as fofas fronhas bordadas guarnecidas de duas ordens de rendas, em que a Mimi escondia a sua loira cabeça, quando se deitava.

O pae trazia-lhe bonecas tão loiras como ella, com os olhos muito vivos e bonitos que pareciam fallar, e que Mimi apreciava com grande alegria, não lhe agradando menos os papelucos de bollos que acompanhavam as bonecas, mettidas em caixas de cartão, como tinham vindo de França.

Mas umas alegrias muito maiores do que estas,



sentia a Mimi quando vinha a férias: era apresentar a seus paes as boas notas do aproveitamento nos estudos, recebendo em troca muitos beijos e affagos dos auctores de seus dias, que bem diziam ao céo por lhes ter dado uma filha tão boa.

Eram essas as maiores alegrias de Mimi, porque lhe davam grande satisfação intima, a satisfação do cumprimento de um dever, de que ella de certo não teria ainda perfeita consciencia, mas que a natural intuição do seu espirito sentia, embora não lhe conhecesse todo o valor.

São assim os bons, que por natural sentir se inclinam ao Bem.

E a Mimi era um d'esses entes privilegiados que tem a suprema ventura de entesourarem em seu coração todas as qualidades de uma alma bem formada.

Porque era boa, todos lhe pareciam bons, e assim as suas affeições eram fundas e sinceras, com toda a innocencia dos seus poucos annos.

Quando chegou a casa, acompanhada de seu pae, que a fôra buscar ao collegio, já sua mãe anciosa a esperava para a encher de caricias. No meio d'estes carinhos não se esqueceu do velho caseiro que vivia com a familia, em uma casa terrea á entrada da quinta, e perguntando logo pelo bom Mathias, foi surprehendel-o a Mimi no meio da merenda com seus filhos e netos, entrando alegremente na pobre habitação.

— Viva, tio Mathias.

— Salve-a Deus, atalhou logo o velho, levantando-se, e descobrindo-se. — Como vem bonita, e cada vez mais crescida, que é um regalo vel-a.

E todos por igual dirigiram cumprimentos a Mimi, que muito contente se acercou da meza a que estavam comendo.

— E' servida da nossa merenda, offereceu uma das filhas do Mathias.

— Eu não vim cá para comer, mas só para os vêr, porque já tinha muitas saudades suas. Tratam-me tão bem!

— Sempre a mesma, tão boasinha, tão alegre, que é a alegria de nós todos quando cá está.

— E tu como vaes José, interrogou a Mimi, dirigindo-se ao rapasito, que, de fatia de pão em punho, olhava a meio desconfiado.

— Esse meu neto é um burro, com sua licença, anda para ahí com o mestre Miguel, mas tanto sabe hoje como amanhã.

— Não se apoquente tio Mathias, que elle ha de aprender. — Olhe em quanto eu cá estiver hei-de ensinar-lhe as licções e verá como o José se adianta.

— Só se fôr a minha querida menina que tenha essa habilidade, acudiu a mãe do rapaz. A gente cá não sabe d'estas coisas; andamos nos trabalhos da quinta e o rapaz, em vez de ir para o mestre, vai brincar com os outros, e não toma emenda por mais pancada que eu lhe dê, com perdão da menina.

• • •

A Mimi tomou o José á sua conta para lhe ensinar as licções, e tão bem as explicou ao pequeno que este principiou a comprehender o que até ali não tinha sequer percebido, e dizia depois muito contente:

— Agora já gosto de aprender. O mestre Miguel não me ensinava assim.

E a Mimi muito satisfeita da sua obra, sempre que voltava a casa das férias, continuava a explicar as licções ao José e ficava muito contente com os progressos que elle fazia.

O tio Mathias já não chamava burro ao neto, e louvava a Mimi, que elle vira nascer, como dizia na sua linguagem simples.

Abençoada Mimi!

C. A.



## O DERRADEIRO POETA

NARRAÇÃO VERACÍSSIMA

(vertida do allemão)



MEIM! Succedera, o que era de esperar que succedesse: as leis da natureza haviam-se submettido ás conjecturas e prophcias dos sabios.

No anno de x mil e não sei quantos, a nossa bola de barro arrefecera de todo; nem uma unica centelha lampejava no seu amago; e tinham, portanto, succumbido as creaturas todas á excepção de quantas pertenciam á fauna polar. Foram, atraz d'aquellas, desapparecendo tambem os seres humanos.

Restava apenas, em Asinóburgo, um tal Homero Cabaçoff; este, porém, vivia convencido que era o derradeiro individuo da sua especie — Era poeta.

Na terra, o frio, augmentava dia a dia. O carvão escassissimo, custava cada vez mais caro: — chegara a 50\$000 rs. por arroba!

Triste e cabisbaixo, sentado em seu glacial escriptorio, accumulara Cabaçoff em cima da arripiada pessoa quanto trapo encontrara — esgotara o contheudo ao bahú e ao guarda-fato. — E comtudo, sentia-se enregelado! Tudo quanto ha de mais fluido estava desde longo tempo transformado em gelo: congelára a tinta; o cognac; o petroleo. Entretanto, a machina de escrever funccionava ainda, e o nosso vate anachronico, coitadito, já tão débil e quasi inanimado, la ia labutando na engenhoca o melhor que podia. Botou versos á lua, a qual, havia mais de um seculo deixara de brilhar. Tentou rimar uma ode dedicada ao sol; este porém, já sobremaneira resfriado, apresentava agora aspecto safadissimo: parecia um prato de estanho mal esfregado! Cantou a primavera, posto que apenas a conhecesse pelos vetustos e sedidos alfarrabios dos lyricos; e comquanto, á excepção do ganso e da perdiz do polo, (a arbenna) o pobre vate, nunca em dias da vida, tivesse visto um unico passaro, cantou tambem o rouxinol. Cantou ainda os ternos amores e as saudades da sua Amandia, candida donzella a qual, havia perto de um anno, gelara sem dar por isso, e sem dôr. Nutria, porém, o poeta a esperanza de a ver, mais tarde, em tempo opportuno e mais quente, descongelar-se e derreter qual torrãozinho de assucar. E cantou muitas coisas mais; até que, em conclusão, veio tambem a musa a arrefecer, e ahí pega o pobre vate outra vez a matutar. De subito, porém, estremece — ergue-se, como que electrizado:

— apesar de tão damnado frio, tivera uma ideia, unica mas luminosa.

A falar verdade, disse com os seus muitissimos botões, é chapadissima asneira estar eu assim n'esta tristeza.

Não serei, acaso, o ultimo ser da minha casta? o derradeiro representante da minha nobre quanto sublime profissão! Graças á Divina Providencia ha, emfim, um poeta que não tem a receiar concorrentes; nem sequer, a sombra de um critico! Eis-me, Deus louvado, livre de uma vez e para sempre, de encontrar um bello dia, os fructos do meu genio a servir, entre as mãos de boçal tendeiro, de embrulho ao toucinho ou aos chouriços! Nenhum editor desalmado poderá d'ora avante recambiar-me trabalhos. Se, n'este mundo, n'esta vasta sorveteira, houve algum dia vate afortunado, esse vate sou eu, não ha duvida.

E eis que entra de novo a machina a escrever — mas que escrever aquelle! Sentia o mofo poeta, pouco a pouco, a fantasia a congelar-se-lhe! Em menos de uma hora, viéra o thermometro baixando de 115° até 121  $\frac{1}{2}$ . Cabaçoff dava voltas ao miolo e batia palmadas na testa, produzindo som estridulo e ôco. Eis senão quando, aponta á vidraça um alentado urso branco, que parecia estar aguçando o dente, por lhe dizer o instincto que aquelle homem que ali estava, ao pé da machina, representava, sobre a terra, a derradeira ração de alimento quente, que a elle, urso, caberia talvez a sorte de rilhar. Muito provavelmente, tambem, era elle o ultimo urso. O poeta, entretanto, tornara a encontrar o estro — e assumpto para um folhetim — Poz-se logo a escrever um *ensaio* sobre a physiologia dos ursos do polo. O chão, regelado, estalava e rangia-lhe debaixo dos seus seis pares de sapatos de ourêlo e elle... a escrever... sempre a escrever! Desceu ainda o thermometro; já chegava a 136° e elle fogo, fogo. — A machina estava cada vez mais pesada, até que, por fim, de todo recusou funcionar. Como succedera a tudo mais, chegara-lhe a vez — gelara!

O folhetim, todavia, achava-se concluido. Correio ou moço de recados, nem já pensar n'isso era bom e Homero... ultimo, resolveu ir, em pessoa, levar o original á seu destino. O frio, n'este comenos, attingira 141° — a bochécha e o nariz do inspirado rivalisavam com o mais maduro tomate, e, no entanto, o nosso author, exultava!

Numes tutelares! Não havia já, de certo, redactor ignaro, que lhe devolvesse o manuscrito, acompanhando-o o tal sorrisinho ironico de embirra, e a phrase de estylo «por falta de espaço». Isso sim!

O que mais abundava agora era o espaço. Lograria, finalmente, penetrar, impavido, no gabinete — no *sancta-sanctorum* da redacção; veria tambem a machina a compor, a prensa a trabalhar e receberia, auctor ditoso, nas proprias mãos a primeira prova da sua genial producção.

Encontrou fechada a porta da redacção.



— Com um pontapé fel-a voar em estilhaços — enfiou pela saleta de espera, até à officina da composição e ali, triumphante, sacca da algibeira o manuscrito.

Eis, porém, que mão adunca se estende e se apodera do original.

— Ceus! é possível? um homem ainda!

— Que vem você cá cheirar com semelhantes gatafauhos! — desembuche!

Cabaçoff tremia todo, de susto e de frio.

— Eu ... sim... isto... é... Não sou eu então o ultimo homem!?

— Distingo! voltou o outro, com ironia satanica — você será talvez, o unico homem, — o ultimo dos poetas: saiba porém... que eu... sou o derradeirissimo redactor!

— Temos original a mais; ali está, veja!

E, com gesto rapido, arrancou das mãos do inteiriçado auctor o manuscrito e arre-meçou-o com desdem para dentro d'esse complemento inseparavel das redacções — familiar a quem as frequenta, — o cabaz dos papeis.

— O cabaz dos papeis! gemeu o vate serodio, e d'esta vez sentiu que congelava a valer.

O thermometro da redacção baixou rapidamente até 188°. Subito, estrondeou trovão formidando e, logo depois, horribilima estalada. Moles enormes de gelo resvalavam em movimentos vertiginosos, — ameaçadores! — Desabando com estridor medonho! Rendeu o tecto: os torrões de gelo amachucavam tudo — o ultimo poeta, o ultimo redactor, o manuscrito, a papeleira, a poltrona... tudo, tudo esmagado e subvertido... e, ao de cima, sempre incolume, indestructivel — pairava o cabaz dos papeis!

SPECTATOR



A AMBIÇÃO



rio, fazia frio, muito frio...

A neve cae sobre a pobre creança que tem já as mãositas e o rosto colorido de um tom violáceo. Esquece-se de pedir esmola, tal é o enlevo com que admira, na sua frente, cheio de luz intensa, o mostruario repleto de bugigangas que hão de guar-

necer a arvore do Natal das outras creanças...

E a neve cae, monotona, implacavel, atetando as ruas e os campos, cobrindo os telhados e a côma das arvores...

De um luxuoso *coupé* que parára em frente da loja que lhe attrahia o olhar cubitoso, apearam-se uma senhora nova elegante e uma menina aparentando idade igual á da pobresita.

Esquecera-se de pedir esmola... eram tão brilhantes, tão vivas as côres que vestiam os polichinelos, as bonecas, grandes damas, pagens, pequenos generaes, etc.

Davam-lhe pancada, á pequenina pedinte. Dava-lhe pancada, o *paé*, um brigão que se embriagava com o producto das esmolas obtidas pela creança; dava-lhe pancada uma megéra desesperada por acreança ainda ser muito nova para o trafico a que a destinava.

O frio entorpecera a pobresinha, e o olhar ficava-lhe parado no mostruario cada vez mais scintillante; começou a tremer, batia-lhe o queixo pequenino muito redondo...

Voltava para o *coupé* a senhora nova e elegante levando pela mão a creança da idade da pobresita.

— Olha! mamã dêmos tambem um boneco á pobresinha, ellas tambem brincam, não é verdade?

— Ora que tolice! dê-lhe esmola menina. E' do que ella precisa. Tome.

E a pedinte sentiu bater no passeio d'asphalto uma moeda de cobre ao passo que a filha da senhora rica muito apressadamente lhe metia um polichinelo debaixo do braço.

Entraram para o *coupé* que partiu puchado ao trote forte de uma parelha hanoveriana.

A creança teve como que um choque electrico ao ver o brilhante boneco nas suas mãos.

Desatou a correr pela rua fóra a rir, a rir, e soluçando como uma doidinha.

Uma dôr aguda lhe atravessou o pequenino cerebro, perdera o dinheiro... Ir para casa?... sem elle? Não.

Quer retrogradar, com medo que lhe dêem pancada, sente tonturas, embaraçam-se-lhe as pernas, cae e fica como que adormecida. E' o torpôr da fome...

Frio, fazia frio, muito frio...

A madrugada illuminou um cadaver de creança abraçada a um polichinelo...

A ambição não poupa as creanças.

MANOEL BARRADAS



Uma noite de Natal na Idade Media

(Ao meu amigo Caetano Alberto)



« Uma noite de Natal nenhum dos nobres vassallos do poderoso senhor do castello de Amari, deixava de concorrer ás festas que os infanções sujeitos á suzerania do valoroso castellão, promoviam nas vastissimas salas da sua pittoresca fortaleza, cuja torre de menagem se erguia severa e vetusta, dominando a enorme planície que lhe estava inferior e ostentando, no rectilíneo da sua ar-

chitectura medieval, uma gravidade de sentinella immovel.

O precioso balsão branco, bordado a prata e lantejoulas pelas delicadas mãos da castellã, tremulando no alto da vigia-mór, illuminado pelo formoso brilho de um plenilunio de inverno, parecia, assim refulgindo pela incidencia dos raios selenicos, uma estrella alli gravitando para que os visitantes ao castello de longe o apercebessem.

Entre os convidados que já se acham na verdadeira mansão senhorial, estão quasi todas as damas e castellãs dos arredores, as quaes n'aquella noite, mercê talvez do espirito religioso que as animava, esquecendo o seu orgulho ferido de feudatarias, iam formosamente vestidas: altos os penteados com graciosas plumas, recamadas de ouro as charpas de brocatei de seda, traçadas pelo collo, assistir ás esplendorozas festas que os fidalgos cavalleiros das cercanias, preparavam no castello de Amari, o qual na sua situação e grandeza, muito bem se prestava para a representação de um mysterio e outros jogos scenicos commemorativos do nascimento do Redemptor.

Era grande a concorrencia das damas visinhas, porém, devido á indiscrição de um chronista, sabe-se que alli eram levadas pelo palpitante inquieto de seus corações, o que nos faz crer que a festa do Natal seria um verdadeiro pretexto de noivos e noivas, d' enamorados e amadas para alli se reunirem.

E' certo todavia que todos os annos haviam festas eguaes e, portanto não exploremos as questões de coração entre as juvenis damas e os nobres cavalleiros.

Fóra do castello, em roda d'elle, o movimento e animação não é menor da que existe entre os convidados. A alegria dava logar a que os tocadores de cornamusa alli reunidos, tocassem canções populares, prestando ás aldeãs occasião de organisarem danças, cantando *pastorelas*.

Não tarda a meia noite. Já se abriu a capella feudal afim de que o povo tambem oiça a primeira missa, aquella que os ritos liturgicos preceituam para solemnizar a Natividade. Entremos no castello; vamos até ao côro da elegante capella. Já estão officinando. As paredes enriquecidas de artistica esculptura em madeira dourada e o altar-mór cheio de luzes, as harmonias desferidas pelo riquissimo órgão hydraulico, produzem um ambiente cheio de uma poesia encantadora. Agora o sino da capella vae soando com alegria e pelo espaço, pelo silencio da noite, espalham-se os sons do tão popular instrumento christão. Os hymnos executados na festa haviam sido compostos pelo mestre de capella do palacio, joven de talento que tambem escreveu um delicado mysterio que, em seguida á festa de egreja, ia ser representado no grande salão do castello. Os promotores esperavam que isso constituísse o ponto culminante das festas.

Acompanhando os cavalleiros que, á sahida do côro, esperavam as damas e lhes offerciam o braço conduzindo as, chegamos ao salão, onde já está tudo disposto para a recitação do mysterio.

Nega se a penna a descrever o aspecto da sala. Não só a decoração é phantastica, como tambem é verdadeiramente maravilhos a riqueza e o brilho dos faustos vestidos das damas.

Graciosos festões de flores, colhidas nos jardins do castello, engrinaldam todo o salão. Os nenuphars brancos e amarells, por entre os raminhos de pinheiro manso, da tradição, seme-



lham opalas engastadas em malachites. Mil lacinhos de variegadas côres, riquíssimas bandeiras, despojos de mil batalhas, heranças successivas de heroicos antepassados haviam sido expostas na sala, de modo tão artistico que se não cançavam os olhos em contemplar.

Debaixo de tal profusão de panoplias, de escudos, de arnezes, collecções preciosas de capacetes lindíssimos, desde os elmos de honra emplumados, dos morriões com viseira até ás celadas, ás massas d'armas e lanças que, postas em aspa, occultavam quasi totalmente a preciosa tapeçaria das paredes; que eram valiosíssimos pannos de rax, representando Penélope e varios outros episodios da Odysséia.

Já os menestres preludiaram um cantico de abertura,

Percorre um fremito d'alegria por toda a sala, nota-se que se vae estabelecendo um silencio tão completo que se poderia ouvir o arfar dos mimos collos das gentis convidadas.

Tem lugar então a entrada na sala d'um aedo, o qual ricamente vestido, de cithara no braço, expõe em verso o argumento da representação que vae ter lugar:

— *Hodie Christus natus est*, exclama em forma de saudação e logo prosegue dizendo que as nobres damas presentes vão ouvir a apothose da maternidade divina.

Successivamente vieram entrando alguns interlocutores, que defenderam e objectaram sobre o assumpto, em inspirado dialogo e discussão animada, resultando mais excelsa a maternidade da immaculada Virgem.

Eram muito applaudidos os interpretes, porém o mais curioso foi que, em certo ponto do *mysterio*, todos os espectadores e actores fecharam os olhos, pondo um dedo nos labios em signal de segredo. Instantes depois concluiu o *mysterio*, e seguiu-se um côro final.

Terminada a representação dirigiram se os convidados para a sala de jantar ricamente decorada. O tecto feito de preciosa madeira, ostentava uma ornamentação característica; as paredes eram cobertas de couro lavrado com arabescos de ouro.

A mobilia egualmente era toda de feitura artistica, e em escudetes de marfim via-se embutido o brazão de Amari, tendo por timbre uma estrella de prata.

Antes que se sirva a lauta ceia, a que não falta nem o pavão e o faisão real ou outras aves mais custosas e raras, nem os peixes mais finos e delicados, tem lugar a tradicional e poetica benção do fogo.

Arde um bom lume no architectonico fogão de marmore negro e de alabastro; forma um portal com dois columnelos retorcidos feitos de porphyro com capiteis de azurite. O centro era uma grande placa de lapislazuli, no meio da qual estava um formoso medalhão em que se via a Ceia do Senhor reproduzida em mosaico. Entre o combustível lançado na fornalha vê-se um grosso madeiro de forma especial.

A chegada dos convidados á sala de jantar, é retirado o grosso madeiro e posto sobre o mosaico que circunda o calorifico.

Ajoelha-se então, sobre uma almofada de seda e ouro, a mais juvenil das castellãs: graciosa dama de rara formosura, a qual murmurava uma encantadora prece, em que supplicou ao Fogo que, durante o rigor dos invernos aqueça os pés gelados das orphãs e das velhinhas, dê toda a sua claridade aos casebres dos pobresinhos e que não devore o feno dos humildes colonos nem destrua os barcos dos pescadores.

Após esta singela oração, benze-se o fogo. Outra dama, servida por dois infanções, toma uma naveta de oiro que lhe é apresentada n'uma artistica salva de prata com gemmas, e entorna sobre o madeiro incandescente, o espirituoso licor, finissimo vinho, contido na delicada taça. Interpreta-se o crepitar do esbraseado tronco como alegre assentimento e resposta do fogo.

Segue-se a ceia.

Imaginemos que surpreendente espectáculo: uma lauta e explenida mesa, posta com todo o fausto. A luz incidindo nas mil faces dos lapidados crystaes de Veneza, dava um tom de brilhantismo que offuscava deslumbrando.

As côres dos vestidos luxuosos das gentis damas, davam reflexos rosados ás diaphanas rendas que as adornavam, as taças onde se deitou vinho generoso de côr alambreada e violeta, semelham escriptos de prata translucida cheios de opalas e ametystas.

Acabada a abundante ceia, retiram-se todos, deixando-se na mesa ainda muitas iguarias por encetar: — é o quinhão dos mortos. Julga-se que

as almas dos antepassados vem agora consoar. Afastam-se os convidados e o vasto salão fica deserto e ninguem se atreverá, antes do raiar do dia, a entrar alli, tão forte é o preconceito religioso.

Voltando os convidados ao salão d'armas, em que vimos se representou o *mysterio*, organisam-se varios minuetes. Nem todas as damas entram no divertimento e algumas de coração mais com passivo vão alegremente cumprir o que elle carinhoso lhes segreda — a caridade.

Chegam pois á varanda que dá sobre o pateo e ahi tiram da escarcella, que lhes pende da cintura, algumas moedas que são apanhadas pelos mendigos alli reunidos, e os quaes só n'essa noite podem pedir, como é uso das leis feudaes. Retiram-se as damas da varanda e vem revesar as dançantes. Assim, descuidosas e felizes, ouvindo madrigaes floreados dos seus adoradores, as vem surpreender a manhã com uma claridade violacea, coada pelas artisticas pinturas bysantinas que enriquecem os grandes vitraes.

Já no grande pateo de honra do castello esperam os coches, outras seges e as liteiras.

Os ursos que tiram os pesados vehiculos escaravam impacientes o sólo. Aglomeram-se os pagens e escudeiros, em bellicas conversações.

Pouco falta para que terminem as festas, logo que, o sino da capella do castello, faça ouvir o toque matutino das ave marias acabará a noite de Natal.

E assim foi. Apóz essas badaladas suaves e argentinas que acordaram a natureza, despertando o canto da cotovia, recolhiam aos seus castellos acompanhadas pelos cavalleiros, as damas, as quaes chegadas ás suas alcovas, não tardaram em adormecer, embaladas pelas amorosas expressões ouvidas dos labios dos seus enamorados, expressões que as inebriavam e lhe produziram doces visões que não lhe permitiriam esquecer de breve, tão gratas eram, aquella noite de Natal passad. no castello de Amari.

ESTEVES PEREIRA.



## O ALMIRANTE

Ao meu amigo sr. Conde de Valençes



Xo havia marinheiro mais desempenado que o Antonio Joaquim, o impedido do almirante.

Este conhecia-o desde que sentara praça, e tinha feito longas viagens com elle.

Uma vez o Antonio Joaquim salvara-o de um perigo eminente, arriscando para isso a vida.

O almirante avaliava bem as excellentes qualidades do ma-

rinheiro, a pureza do seu character, as dedicações da sua alma, que se expandia na immensidade dos mares, a bravura do homem alliada á mais restricta obediencia, e a veneração que elle tributava ao seu commandante.

D'ahi resultava a verdadeira sympathia que o almirante tinha pelo seu impedido, mais que sympathia, amizade, e quizera fazel-o subir de postos, protegel-o, compensar-lhe tantas virtudes; illustrar-lhe o espirito, instruindo-o, acordar-lhe a alma para as grandes luctas da ideia, enfim fazer d'elle mais alguma coisa que um simples marinheiro.

Antonio Joaquim, que tinha para o seu almirante a mais cega obediencia, nunca lhe poude satisfazer, porém, a vontade de aprender sequer a lêr.

Não tinha aprendido na idade apropriada, porque na sua freguezia de Beiriz, proximo de Villa do Conde, não havia escola! Tinha-se habituado a olhar para as letras, como olhava para as estrellas do ceu, sem as comprehender; não avaliava a falta, por isso não sentia a necessidade; resistira tenazmente a todos os esforços que o almirante fizera para o instruir.

— Meu almirante, ordene o que quizer de mim; estou prompto a tudo, mas isto de burro velho não aprende linguas.

## II

Assim se passaram alguns annos até que um dia, o Antonio Joaquim chegou-se ao seu almirante, e com um acanhamento pouco vulgar n'elle, pediu se lhe dava um bocadinho de attenção.

— Diz lá o que queres, animou-o o almirante, em tom meio severo meio paternal.

— E' que eu namoro ahi uma rapariga e queria cazar com ella, se isso fôr da vontade de *vocelencia*.

— Da vontade da noiva é que tu deves dizer, que por mim tens tu licença.

E d'ahi a dois mezes casou o Antonio Joaquim e o almirante foi o padrinho.

## III

O marinheiro adorava a esposa, como quasi todos os homens do mar, e pela primeira vez lhe custou a deixar a terra, quando ao fim de tres mezes de casado teve que partir para uma viagem.

A' volta d'essa viagem, que durou seis mezes, o Antonio Joaquim veio assistir ao nascimento do seu primeiro filho. A alegria do marinheiro foi grande ao receber nos braços o primeiro rebento d'aquelle amor sincero.

Correu logo a mostrar o recém-nascido ao seu almirante, que o apadrinhou na pia do baptismo, com o nome de Julio.

Mas a mãe adoeceu sobre parto com uma febre intensissima. Os cuidados do Antonio Joaquim redobraram com este contratempo.



Elle é que quiz tratar e estar sempre junto da enferma; applicar-lhe os remedios pelas suas proprias mãos, receioso de que outros não tivessem os mesmos disvellos, a mesma solicitude que elle, para que a doente se restabelecesse em breve, e para que a pequena nuvem que encobria o sol da sua felicidade se desfizesse depressa, e tudo voltasse á alegria habitual.

Assim, dava á doente todos os remedios e caldos ás horas prescriptas pelo medico, com a mais escrupolosa exactidão e cuidado, mas d'uma vez, quando acabou de dar uma colher de remedio á doente, ella sentiu-se mais encommoada e esse encommoado cresceu assustadoramente.

O Antonio Joaquim, com a cabeça perdida, correu logo a casa do medico, e este, vindo com elle, poude verificar que tinha havido um engano fatal.

O marinheiro trocara o frasco do remedio que devia dar á doente, por outro que tinha um letreiro — PARA USO EXTERNO — e dera a beber á doente tintura de noz vomica.

O estado melindroso da doente e a violencia da applicação errada levaram a mulher do Antonio Joaquim á cova.

E elle é que a tinha matado, por não observar a recommendação que o medico fizera, de lér os rotulos dos frascos antes de applicar o remedio.

E como podia elle observar esta recommendação, se não sabia lér!

## IV

Antonio Joaquim perdera a sua alegria habitual, tornara se aprehensivo, taciturno que causava impressão vel-o.

No meio da sua ignorancia e desespero, tomara horror ás letras, chegava mesmo a pensar que o letreiro do frasco é que matara a sua mulher. Se não fosse aquelle letreiro fatal, não teria havido tão grande desgraça, dizia elle.

Só havia uma coisa que attenuava este estado do pobre Antonio Joaquim: era a ideia do filho que uma vez por outra lhe desanuviava o espirito.

O rapaz desenvolvia se fortemente; era o retrato da mãe, e o padrinho almirante tomara-o sob a sua protecção, adoptando-o como filho. Mandara-o aos estudos e o rapaz fazia progressos, era intelligente, podia ir longe.

O almirante animava de vez em quando o pobre marinheiro, fazendo o elogio do filho, dizendo-lhe que o havia de metter em estudos e fazer d'elle um homem, sentar-lhe praça e seguir a carreira de marinha.

Estas palavras consolavam o desalentado marinheiro, e chegavam a suggerir-lhe a ideia de que seu filho ainda um dia podia ser tambem almirante.

## V

Decorreram annos e Julio era já primeiro tenente.

O almirante orgulhava-se da sua obra e por vezes dizia:

— Já que não pude fazer nada do pae, hei-de dar uma posição ao filho.

Antonio Joaquim estava cada vez mais reconhecido ao seu commandante, e quando este, um dia, morreu de repente, uma nova e grande dôr feriu o seu coração, deixando-o aterrado aquella desgraça, em que elle nunca pensara, apesar da avançada idade do almirante.

Este acontecimento veio determinar uma grande transformação na vida do marinheiro.

Pediu a baixa e retirou-se para a sua aldeia, onde um resto de bens paternos e as economias de 40 annos, lhe permittiam viver modestamente os ultimos dias da sua vida.

No entanto seu filho seguia a carreira de marinha, sobre os melhores auspicios.

## VI

A freguezia de Beiriz é um pequeno povoado, onde ainda não chegaram as luzes do progresso.

Os seus filhos dedicam-se na maior parte, á vida do mar, e os seus costumes conservam toda a simplicidade primitiva, apenas illuminados pela religião.

A casinha do Antonio Joaquim era n'um extremo do povoado, mais branca e mais acceiada que as outras.

Elle ali vivia curtindo os seus pezares, animado apenas pela esperanza que lhe sorria, de vêz em quando, de vêr ainda o seu filho almirante.

— E por que não! dizia elle. É valente, tem todos os estudos e porta-se bem. Se Deus me der vida, ainda hei-de deitar uns foguetes no dia em que receber a noticia.

Todos lhe davam razão, e o pobre velho, cada vez se aferrava mais a esta ideia.

Julio visitava seu pae, sempre que partia ou chegava de alguma viagem.

Era já capitão de fragata e o Antonio Joaquim todo se orgulhava ao vêr o filho, dizendo-lhe sempre que elle partia:

— Vae, e á volta tenho fé que virás almirante.

O filho sorria-se e, beijando o pae, partia.

## VII

A casa do velho marinheiro tornara-se o ponto de reunião da pobre gente da terra. Os rapazes iam lá para ouvirem narrações de viagens avventurosas, que o tio Joaquim, como elles lhe chamavam, lhes contava. Mas o tio Joaquim estava muito velho e muito attacado de rheumatismo; já não sahia de casa, e a todos que se lhe acercavam perguntava noticias do filho, que havia mais de um anno não via.

Cartas não recebia porque as não sabia lér, e por isso Julio limitava-se a ir vêr o pae pessoalmente e dar-lhe assim noticias suas.

Esta longa ausencia de Julio começava a impacientar o pobre velho, que de resto só vivia para vêr o filho almirante, conforme elle dizia.

No entanto os dias passavam sem que Julio apparecesse, e o Antonio Joaquim cada vez mais impaciente, começava a perder a esperanza de ver o seu filho almirante.

A velhice e a doença, não o animavam mais, e o seu estado era desolador, dando serios cuidados aos visinhos.

— Está ali por pouco. Elle não quer comer. De noite não dorme e parece que não está bom de cabeça; só falla no filho, a perguntar a toda a gente se elle é já almirante.

## VIII

Um dia chegou todo afamado ao logar um rapaz da terra que trazia um jornal.

Tinha-lh'o dado, na villa, um amigo do tio Joaquim com a recommendação de que trazia uma noticia com respeito ao sr. Julio.

O velho ao receber o jornal que trazia noticias de seu filho, fuscaram-lhe os olhos n'um ultimo lampejo de vida. Queria devoral-o com a vista, e; convulso, sustinha-o nas descarnadas mãos com a avareza de uma curiosidade anciosa.

— Se o seu filho seria almirante!

Mas inutil esforço!

O marinheiro não comprehendia aquelle papel cheio de letreiros, como o frasco que matara a sua mulher.

O unico rapaz que na terra sabia lér, tinha ido á villa e só voltava mais tarde.

O tio Joaquim deixou cair uma grossa lagrima sobre o jornal e as ultimas palavras que proferio, já entrecortadas pela agonia, foram:

— Não . . . sei . . . lér.

Quando o rapaz que sabia lér chegou ao logar, correu a casa do tio Joaquim. Era já tarde.

O velho marinheiro tinha espirado.

A noticia que o jornal trazia era esta:

O sr. Julio . . . foi promovido a almirante.

*Caetano Alberto.*







DANSA INFANTIL

## DANSA INFANTIL



STAMOS a vêr as nossas pequeninas leitoras pulando de contentes ao reconhecerem-se tão fielmente retratadas, na gravura com que hoje as brindamos.

E podera não ser assim, se foram apanhadas em flagrante pela nossa machina photographica, quando dançavam, no Jardim da Estrella, aquella

alegre roda, chilriando e cantando em côro:

- Ponha aqui, ponha aqui  
o seu pésinho
- Ponha aqui, ponha aqui  
ao pé do meu.
- Se elle é torto, se elle é torto  
ou aleijado
- E' conforme, e conforme  
Deus o deu.

E assim por diante rindo e folgando, muito satisfeitas e despreocupadas, sem repararem na machina photographica que estava cá de longe seguindo-lhe todos os irrequietos movimentos, á espera do momento proprio de colher no cliché a imagem d'essas carinhas bonitas e risonhas, para hoje vos fazermos esta surpresa nas paginas do OCCIDENTE.

A scena passou-se em uma das bellas tardes de verão em que a Elvirinha mais a irmãsinha Lulu foram, como de costume, passeiar para o Jardim da Estrella, com a criada grave, que por signal não

tinha lá muito cuidado nas suas amasinhas, toda entretida com os botões da farda do seu primo da municipal.

No jardim as duas irmãsinhas encontraram outras meninas com quem travaram logo facil convivencia, n'essa natural attracção reciproca da mocidade, em que se encontram amigos com a mesma facilidade com que se perdem.

Por isso, encontrarem-se aquellas crianças e reunirem-se no mais intimo convívio, foi obra de um momento.

Sem sequer saberem o nome umas das outras, era como se se conhecessem ha muitos annos, apesar d'ellas terem tão poucos.

E logo fizeram roda; cantaram e folgaram, emquanto as criadas que as acompanhavam, foram para a montanha russa com os primos da municipal.



## AOS SRS. ASSIGNANTES

Eis-nos chegados ao termo do 17.<sup>o</sup> anno de publicação do OCCIDENTE, o que em publicações d'este genero, no nosso paiz, é um

grande triumpho. Para alcançar, porém, este triumpho tem sido precisos ennumerados sacrificios, que só pódem avaliar os que tem, como nós, emprehendido estas campanhas civilisadoras.

Muitos tem cahido no campo da lucta descoroados da peleja, e isto dá a medida de quanta tenacidade e constancia tem sido precisa, para não nos colher igual sorte.

Confiando sempre no favor publico e seguindo aquella divisa: *Quem teima vence*, isso nos tem alentado a proseguir esforçando-nos por sustentar em Portugal, esta modesta illustração.

A todos os nossos assignantes, os nossos mais sinceros agadecimentos, com muito boas festas. A EMPREZA.

## AVISO

O presente numero de 12 paginas impresso a côres, com indices, frontespicio e capa de papel é enviado a todos os srs. assignantes, sem alteração de preço.

Para os compradores avulso custa 200 rs.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C<sup>o</sup>

